

ANÁLISE SOBRE OS ESTUDOS CIENTÍFICOS DO USO DE ESTERÓIDES ANABOLIZANTES NO BRASIL: UM ESTUDO DE REVISÃO.

ODILON SALIM COSTA ABRAHIN
JOSIANA KELLY RODRIGUES MOREIRA
VANDERSON CUNHA DO NASCIMENTO
EVITOM CORRÊA DE SOUSA

Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, Brasil
LERES – Laboratório de Exercício Resistido e Saúde
GEERES – Grupo de Estudo de Exercício Resistido e Saúde
odilonsalim@hotmail.com

Introdução

Os esteróides anabólicos androgênicos (EAA) são substâncias quimicamente semelhantes à testosterona. Como seu nome sugere, possuem tanto propriedades anabólicas responsáveis pela retenção de nitrogênio, aumento do crescimento muscular e força, como androgênicas que são responsáveis pelo desenvolvimento das características sexuais masculinas (BASARIA, WAHLSTROM E DOBS, 2001; SANTOS, 2007).

Terapeuticamente os EAA são utilizados no tratamento de diversas doenças, como AIDS, alguns tipos de anemia, cirrose hepática, câncer, pacientes com deficiências hormonais, queimaduras severas, entre outras (BASARIA, WAHLSTROM E DOBS, 2001; SANTOS, 2007). Emmelot-Vonk et al. (2008) afirmam que o declínio dos níveis de testosterona está associado a diminuição da força muscular, massa magra e densidade mineral óssea, queda na capacidade cognitiva e aumento da massa gorda (principalmente a região abdominal).

Entretanto, tais drogas vêm sendo utilizadas de forma não terapêutica e indiscriminada, principalmente por adultos jovens, que almejam um corpo atlético em um curto espaço de tempo, sem levar em consideração os riscos à saúde associados a esta prática (NILSSON et al., 2001; ARAÚJO, ANDREOLO E SILVA, 2002; SILVA E MOREAU, 2003; FRIZON, MACEDO E YONAMINE, 2005; SILVA et al., 2007; MAIOR et al., 2009).

Diversos estudos têm sido conduzidos no sentido de determinar os padrões atuais de uso de EAA em todo mundo. De acordo com Bahrke e Yesalis (2004), verificou-se que nos Estados Unidos, 4 a 6% dos estudantes universitários do sexo masculino utilizam EAA. Em relação à população jovem feminina, cerca de 1 a 2% relataram uso, com aumento significativo na última década.

Na Suécia, o uso de EAA entre adolescentes de 16 a 17 anos do sexo masculino foi de 2,9%. Com relação à população jovem feminina não foi detectado o uso de tais substâncias (NILSSON et al., 2001). Rachon, Pokrywka e Suchecka-Rachon (2006) ao analisarem o uso de tais substâncias entre adolescentes e adultos na Polônia, observaram a prevalência de 6,2% entre homens e 2,9% nas mulheres.

No Brasil, ainda existem poucos dados sobre o uso ilícito de EAA, apesar da percepção que o problema vem se agravando, constituindo-se um crescente problema de saúde pública (ARAÚJO, 2003; FILHO E FILHO, 2005; SANTOS, 2007; IRIART, CHAVES E ORLEANS, 2009; VENÂNCIO et al., 2010). Logo, o objetivo deste estudo foi analisar quantitativamente os estudos científicos referentes ao uso de esteróides anabolizantes no Brasil, assim como identificar o perfil destes usuários, suas principais motivações e a forma como adquirem os EAA.

Metodologia

O tipo de pesquisa utilizada foi o de revisão bibliográfica, utilizando-se artigos científicos e livros do período de 1990 a 2010, que abordassem a respeito de pesquisas científicas referentes ao uso de esteróides anabolizantes no Brasil.

A primeira consulta foi realizada no banco de dados da SCIELO. Após os resultados encontrados, foi feita a segunda consulta nos artigos científicos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Contudo, em função do baixo número de estudos encontrados referente ao assunto foram também pesquisados periódicos tradicionais eletrônicos que versavam sobre o tema: Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício (RBPFE) e Fitness & Performance Journal.

A pesquisa foi realizada de junho a setembro de 2010, através dos seguintes termos: anabolizantes, esteróides anabolizantes, esteróides anabólicos androgênicos e drogas. Ao final da pesquisa 12 (doze) artigos foram criticamente analisados e os critérios para exclusão e inclusão seguem descritos abaixo.

Critérios para a exclusão de estudos nas duas bases de dados.

Foram excluídos os estudos que tivessem amostra inferior a cento e cinquenta pessoas, assim como pesquisas que envolvessem apenas atletas em sua coleta de dados.

Critérios para inclusão de estudos nas duas bases de dados.

Foram incluídas apenas as pesquisas de periódicos indexados eletrônicos tradicionais que analisaram os dados sobre o uso de esteróides anabolizantes no Brasil; estudos com amostra superior a cento e cinquenta pessoas e indivíduos não atletas.

Prevalência do uso EAA conforme a região.

Numerosos estudos têm sido conduzidos no sentido de determinar os padrões atuais de uso de EAA em todo mundo. Entretanto, no Brasil são escassos os dados sobre o número de usuários de EAA. (ARAÚJO, 2003; FILHO E FILHO, 2005; SANTOS, 2007; IRIART, CHAVES E ORLEANS, 2009; VENÂNCIO et al., 2010).

Em nossa pesquisa foram encontrados doze estudos que analisaram o uso de EAA na população. Contudo, a prevalência do uso de tais substâncias variou conforme a região (Tabela I).

Nas Regiões Sul e Sudeste foram encontradas 8 pesquisas e a incidência do uso de EAA variou entre 2,39% a 25,57%. Nas Regiões Centro-Oeste e Norte foram encontradas 4 pesquisas e o uso de EAA variou de 2,1% a 9%. Já na Região Nordeste não foi encontrado nenhum dado referente ao uso de EAA (ARAÚJO, ANDREOLO E SILVA, 2002; ARAÚJO, 2003; SILVA E MOREAU, 2003; FILHO E FILHO, 2005; FRIZON, MACEDO E YONAMINE, 2005; PALMA E ASSIS, 2005; LUCAS et al., 2006; CHIAPETTI E SERBENA, 2007; PALMA, ABREU E CUNHA, 2007; MAIOR et al., 2009; COSTA et al., 2010).

Contudo, muitos usuários se inibem ao comentar sobre o uso de tais drogas, tanto que um recente estudo analisou sobre a utilização de recursos ergogênicos e suplementos alimentares por praticantes de musculação em Belo Horizonte, e os dados encontrados apontaram que 85% dos entrevistados já fizeram ou conhecem alguém que já usou EAA (DOMINGUES E MARINS, 2007).

Desta forma, observa-se que ainda existem poucos dados sobre o uso indiscriminado de EAA no Brasil, principalmente nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Logo, necessita-se de mais pesquisas que avaliam o uso indiscriminado de EAA em nosso país.

TABELA 1– Distribuição do uso de EAA conforme a região do Brasil.

Autores e ano	Resultados	Características da mostra	Região
Araújo, Andreolo e Silva (2002)	9%	Homens	Centro Oeste
Araújo (2003)	5,46%	Adolescentes	Centro Oeste
Silva e Moreau, (2003)	19%	Homens e mulheres	Sudeste
Filho e Filho (2005)	2,39%	Adolescentes	Sudeste
Frizon, Macedo e Yonamine (2005)	6,5% (somente os homens utilizaram EAA)	Homens e mulheres	Sul
Palma e Assis (2005)	25,57%	Professores de Ed. Física	Sudeste
Lucas et al., (2006)	2,1%	Universitários da área da saúde	Norte
Chiapetti e Serbena (2007)	12,6% (acadêmicos de Ed. Física) e 2,9% (acadêmicos de Fisioterapia)	Universitários da área da saúde	Sul
Palma, Abreu e Cunha (2007)	19,2%	Acadêmicos de Ed. Física	Sudeste
Silva et al., (2007)	11,1%	Homens e mulheres	Sul
Maior et al., (2009)	24,9	Homens e mulheres	Sul
Costa et al., (2010)	5,4%	Policiais Militares	Centro Oeste

Perfil dos usuários.

De acordo com dados pesquisados o perfil da maioria dos usuários de EAA foram adultos jovens com a idade variando de 18 a 29 anos, praticantes de musculação do sexo masculino, entretanto o uso de tais substâncias tem aumentado entre mulheres e adolescentes (ARAÚJO, ANDREOLO E SILVA, 2002; SILVA E MOREAU, 2003; FILHO E FILHO, 2005; FRIZON, MACEDO E YONAMINE, 2005; SILVA et al., 2007; MAIOR et al., 2009).

Bahrke & Yesalis (2004) afirmam que nos Estados Unidos, 1 a 2% das universitárias do sexo feminino utilizam EAA. Elliot et al. (2007) ao realizarem sua pesquisa envolvendo o uso de tais substâncias somente entre estudantes do sexo feminino, observaram que 5,3% relataram já terem utilizado algum EAA na sua vida. Contudo, não foi encontrado nenhum estudo científico que abordasse especificamente o uso de EAA entre mulheres no Brasil.

Com relação aos adolescentes, Araújo (2003) relatou a prevalência do uso de EAA de 5,46% entre estudantes do ensino médio do Distrito Federal. No entanto, esses estudantes iniciavam o uso com média de idade de 15,5 anos.

Filho e Filho (2005) ao pesquisarem sobre o uso de substâncias químicas entre adolescentes que tinham a finalidade de modelagem corporal observaram que os EAA foram utilizados por 3,78% dos adolescentes.

Logo, o perfil dos usuários de EAA não está limitado somente aos adultos jovens com a idade variando de 18 a 29 anos, praticantes de musculação, do sexo masculino, pois os adolescentes também têm utilizado os EAA de forma indiscriminada. Assim como, faltam estudos que analisem o uso de EAA especificamente entre o sexo feminino em nosso país.

Principais motivações para o uso EAA.

Os dados pesquisados apontam que a principal motivação para o uso de EAA foi estética corporal (ARAÚJO, ANDREOLO E SILVA, 2002; SILVA E MOREAU, 2003; FRIZON, MACEDO E YONAMINE, 2005; SILVA et al., 2007; MAIOR et al., 2009).

Contudo, Palma e Assis (2005) ao pesquisarem o uso EAA entre professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica encontraram como principal motivação o “marketing pessoal”. Visto que muitas vezes seu corpo funciona como uma espécie de “currículo”, pelo qual é possível associar a boa forma corporal à qualidade profissional.

Outra motivação interessante encontrada entre os estudantes e professores de Educação Física foi o desgaste físico no trabalho (PALMA E ASSIS, 2005; PALMA, ABREU E CUNHA, 2007).

Assim, observa-se que apesar da maioria dos usuários de EAA apontarem como principal motivação de uso a estética corporal; entre os professores de Educação Física os motivos que predominaram foram o “marketing pessoal” e desgaste físico no trabalho.

Aquisição dos EAA.

São pouquíssimas as pesquisas que avaliam a forma como os ex-usuários e usuários adquiriram os EAA. Em nossa pesquisa foram encontrados apenas 3 estudos que analisaram este dado (ARAÚJO, 2003; SILVA E MOREAU, 2003; MAIOR et al., 2009).

Silva e Moreau (2003) observaram que atualmente, o acesso está mais freqüente por meio da farmácia. Visto que, em sua pesquisa 65% dos usuários de EAA declaram adquirirem os EAA na farmácia, sem receita médica.

Em outra pesquisa a aquisição dos EAA foi feita nas farmácias em 46,8% dos casos. Contudo, não foi especificado se houve acesso sem receita médica (ARAÚJO, 2003). Abril et al. (2005) relatam que atualmente existe uma enorme facilidade na aquisição dos EAA, tanto que os autores citaram um site onde é possível comprar receitas médica e EAA pela internet.

Logo, percebe-se que os responsáveis pelas farmácias nas quais se pratica a venda de EAA sem receita médica estão agindo ilegalmente, pois de acordo com a lei Nº 9.965, de 27 de abril de 2000, “a dispensação ou a venda de medicamentos do grupo terapêutico ou peptídeos anabolizantes para uso humano estão restritos à apresentação e retenção, pela farmácia ou drogaria, da cópia carbonada de receita emitida por médico ou dentista devidamente registrado nos respectivos conselhos profissionais”.

Considerações Finais.

De acordo com os dados pesquisados, nota-se que ainda existem poucos estudos epidemiológicos referentes ao uso de EAA no Brasil, sendo que não foi encontrado nenhum dado na região Nordeste. Onde, a incidência do uso de EAA variou entre 2,1% a 25,57%, conforme a região analisada.

O perfil da maioria dos usuários de EAA foram adultos jovens com a idade variando de 18 a 29 anos, praticantes de musculação, do sexo masculino, entretanto o uso de tais substâncias tem

aumentado entre os adolescentes, assim como não foi encontrado nenhum dado que analisasse o uso de EAA especificamente entre mulheres em nosso país.

Destaca-se que a principal motivação para o uso de EAA foi estética corporal, contudo entre os professores de educação física, outros motivos predominaram como o “marketing pessoal” e desgaste físico no trabalho.

Com relação à aquisição dos EAA, nota-se que são poucas as pesquisas que analisam a forma como os usuários adquirem os EAA. Entretanto, os poucos dados encontrados demonstram que a maioria tem acesso por meio da farmácia, e muita das vezes sem receita médica.

Desta forma, mais pesquisas devem ser realizadas sobre a prevalência do uso EAA em homens, adolescentes, e principalmente entre mulheres no Brasil, identificando o perfil, a motivação para uso de tais substâncias e a forma de acesso aos EAA, pois o uso indevido dos EAA está se tornando um problema de saúde pública.

Referencias

1. ABRIL, L; BENLLOCH, F. R; BALLESTER, F. S; DOMÍNGUEZ, F. O; ESCUDERO, J. U. J; VERDEJO, P. N; ALCINA, E. L; CAMPOS, M. R; ORTS, J. Z. Manejo de La esterilidad masculina en paciente consumidores de esteroides anabolizantes. **Archivos Españoles de Urología**, v. 58, n. 3, p. 241-244, 2005.
2. ARAÚJO, J. P. **O uso de esteróides androgênicos anabolizantes entre estudantes do ensino médio no Distrito Federal**. Brasília, 2003. 83f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília, 2003.
3. ARAÚJO, L. R; ANDREOLO, J; SILVA, M. S. Utilização de suplemento alimentar e anabolizante por praticantes de musculação nas academias de Goiânia – GO. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 3, p. 13-18, 2002.
4. BAHKKE, M. S; YESALIS, C. E. Abuse of anabolic steroids and related substances in sport and exercise. **Current Opinion in Pharmacology**, v. 4, p. 614-620, 2004.
5. BASARIA, S; WAHLSTROM, J. T; DOBS, A. S. Anabolic-androgenic steroid therapy in the treatment of chronic diseases. **The Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism**, v. 86, n. 11, p. 5108-5117, 2001.
6. CHIAPETTI, N; SERBENA, C. A. Uso de Álcool, Tabaco e Drogas por Estudantes da Área de Saúde de uma Universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 303-313, 2007.
7. COSTA, S. H. N; CUNHA L. C; YONAMINE, M; PUCCI, L. L; OLIVEIRA, F. G; SOUZA, C. G; MESQUITA, G. A; VIERA, A. P; VINHAL, L. B; DALASTRA, J; LELES, C. R. Survey on the use of psychotropic drugs by twelve military police units in the municipalities of Goiânia and Aparecida de Goiânia, state of Goiás, Brazil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 32, 2010.
8. DOMINGUES, S. F; MARINS, J. C B. Utilização de recursos ergogênicos e suplementos alimentares por praticantes de musculação em Belo Horizonte – MG. **Fitness & Performance Journal**, v. 6, n. 4, p. 218-226, 2007.
9. ELLIOT, D. L; CHEONG, J; MOE, E. L; GOLDBERG, L. Cross-sectional study of female students reporting anabolic steroid use. **Archives of Pediatrics Adolescent Medicine**, v. 161, p.572-577, 2007.
10. EMMELLOT-VONK, M. H; VERHAAR, H. J. J; POUR, H. R. N; ALEMAN, A; LOCK, T. M. T. W; BOSCH, J. L. H; GROBBEE, D. E; SCHOUW, Y. T. Effect of testosterone supplementation on functional mobility, cognition, and other parameters in older man. **Journal of the American Medical Association**, v. 299, n. 1, p. 39-52, 2008.
11. FILHO, D. C; FILHO, J, M. Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 1, p. 93-111, 2005.

12. FRIZON, F; MACEDO, S. M. D; YONAMINE, M. Uso de esteróides andrógenos anabólicos por praticantes de atividade física das principais academias de Erechim e Passo Fundo/RS. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 26, n. 3, p. 227-232, 2005.
13. IRIART, J. A. B; CHAVES, J. C; ORLEANS, R. G de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 4, p. 773-782, 2009.
14. LUCAS, A. C dos S; PARENTE, R. C. P; PICANÇO, N. S; CONCEIÇÃO, D. A; COSTA, K. R. C da; MAGALHÃES, I. R. dos S; SIQUEIRA, J. C. A. Uso de psicotrópicos universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 3, p. 663-671, 2006.
15. MAIOR, A. S; BERNASCONI A; SANCHES, J. F; SIMÃO R; MENEZES, P; MIRANDA, H; NASCIMENTO, J. H. M. Uso de esteróides anabólicos em duas cidades do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 3, n. 18, p. 580-591, 2009.
16. NILSSON, S; BAIGI, A; MARKLUND, B; FRIDLUND, B. The prevalence of the use of the androgenic anabolic steroids by adolescents in a country of Sweden. **European of Public Health**, v. 11, n. 2, p. 195-197, 2001.
17. PALMA, A; ABREU, R. A; CUNHA, C. de A. Comportamento de risco e vulnerabilidade entre estudantes de Educação Física. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 1, p. 117-126, 2007.
18. PALMA, A; ASSIS, M. Uso de esteróides anabólico-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 1, p. 75-92, 2005.
19. RACHON, D; POKRYWKA, L; SUCHECKA-RACHON, K. Prevalence and risk factors of anabolic-androgenic steroids abuse among adolescents and young adults in Poland. **International Journal of Public Health**, v. 51, p. 392-398, 2006.
20. SANTOS, A. M. **O mundo anabólico: análise do uso de esteróides anabólicos nos esportes**. 2 ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2007.
21. SILVA, P. R. P; MACHADO JÚNIOR, L. C; FIGUEIREDO, V. C; CIOFFI, A. P; PRESTES, M. C; CZEPIELEWSKI, M. A. Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação de Porto Alegre. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 51, p. 104-110, 2007.
22. SILVA, L. S. M. F; MOREAU, R. L. M. Uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da cidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 39, n. 3, p. 327-333, 2003.
23. VENÂNCIO D. P; FERREIRA, S. E; MELLO, M. T; VALSBERG, M. Esteróides Anabolizantes. In: VALSBERG, M; MELLO, M. T. **Exercícios na saúde e na doença**. Barueri, SP: Manole, 2010. cap. 36, p. 417-426.

Autor: Odilon Salim Costa Abrahin, Passagem Isabel nº 390, Telégrafo, CEP: 66113-240, Belém-Pará, (91) 32444549, odilonsalim@hotmail.com